





O LIVRO DOS ANJOS

“Pois olha, Miguel. Olha ao teu redor e confirma com teus próprios olhos, irmão, a Profecia do Livro dos Anjos que se realiza. Tudo estava escrito. O menino não faz mais diferença. Acabou.”
Do conto Quando o céu caiu

Entre as cinzas daquela planície acharam um livro. Intacto. Sua capa era de algo parecido com metal, mas muito mais leve e suave ao toque do que qualquer metal conhecido pelo homem. Estranhos símbolos que não faziam sentido algum entre desenhos de uma luz ao centro e seres alados acima e abaixo. Tudo esculpido com perfeição divina.

Aqueles três meninos olharam em volta, mas não havia ninguém até onde a vista alcançava. Enrolaram o achado em seus panos e voltaram para o acampamento.

Depois do armagedon, pouco restou do mundo como fora um dia. Os poderes celestiais e os demônios haviam migralado a vida da Terra, deixando apenas migalhas dela nos poucos seres que perseveraram. Entre baratas e plantas rasteiras, o homem sobreviveu ao eclipse de uma era.

Eram doze pessoas que andavam pelas planícies em busca de água e comida. Remontavam aos primeiros nômades, pois a terra não podia ser cultivada e de qualquer forma não tinham nenhuma ferramenta em mãos para isso. Uma anciã e uma mulher mais jovem cuidavam dos três meninos e de sete meninas mais novas. Eles tinham quinze, quatorze e onze anos; entre elas, a idade era de treze, doze, dez e sete. Crianças num Éden desértico e de morte.

Já fazia três semanas desde que a última poça d'água de que dispunham secara. O grupo prosseguiu. Os meninos haviam aprendido com a anciã a fazer o reconhecimento dos lugares e o que procurar. O livro fora um acaso. Voltaram gritando.

— A profecia! A profecia!
— A profecia, Ma, a profecia! — disse um deles.

A mulher mais jovem interveio.

— O que acharam? Que profecia?

— A profecia de que Ma sempre fala, Ti, a profecia! — falou o outro. E seus olhos brilhavam. Todos os três meninos pareciam absorverem uma esperança contagiante.

— Deixe-os, Ti. Venham, meninos. O que acharam?

— O livro de que falou, Ma. Aquele dos seus sonhos.

A anciã era a única que tinha sonhos. Só ela viveu antes do fim e ainda vivia, mas não sabia ser era por isso. Ti, a mais jovem, já nascera depois da hecatombe e fora salva por Ma dos lobos que atacaram seus pais. As outras crianças foram sendo achadas no caminho.

Ma tinha de certa forma uma ligação com o passado, talvez fosse a única pessoa a se recordar da grande desgraça. Sonhara muito nos últimos anos, mas os sonhos foram ficando escassos e só imagens vagas restavam em sua memória. Uma delas era a de um livro. A outra, de um menino andando no meio das chamas e da fumaça. Seus olhos já a traíam àquela idade, mas conseguiu reconhecer-lo entre os farrapos que o embrulhavam.

— Sim, meus queridos, é o livro dos meus sonhos — disse ela serenamente.

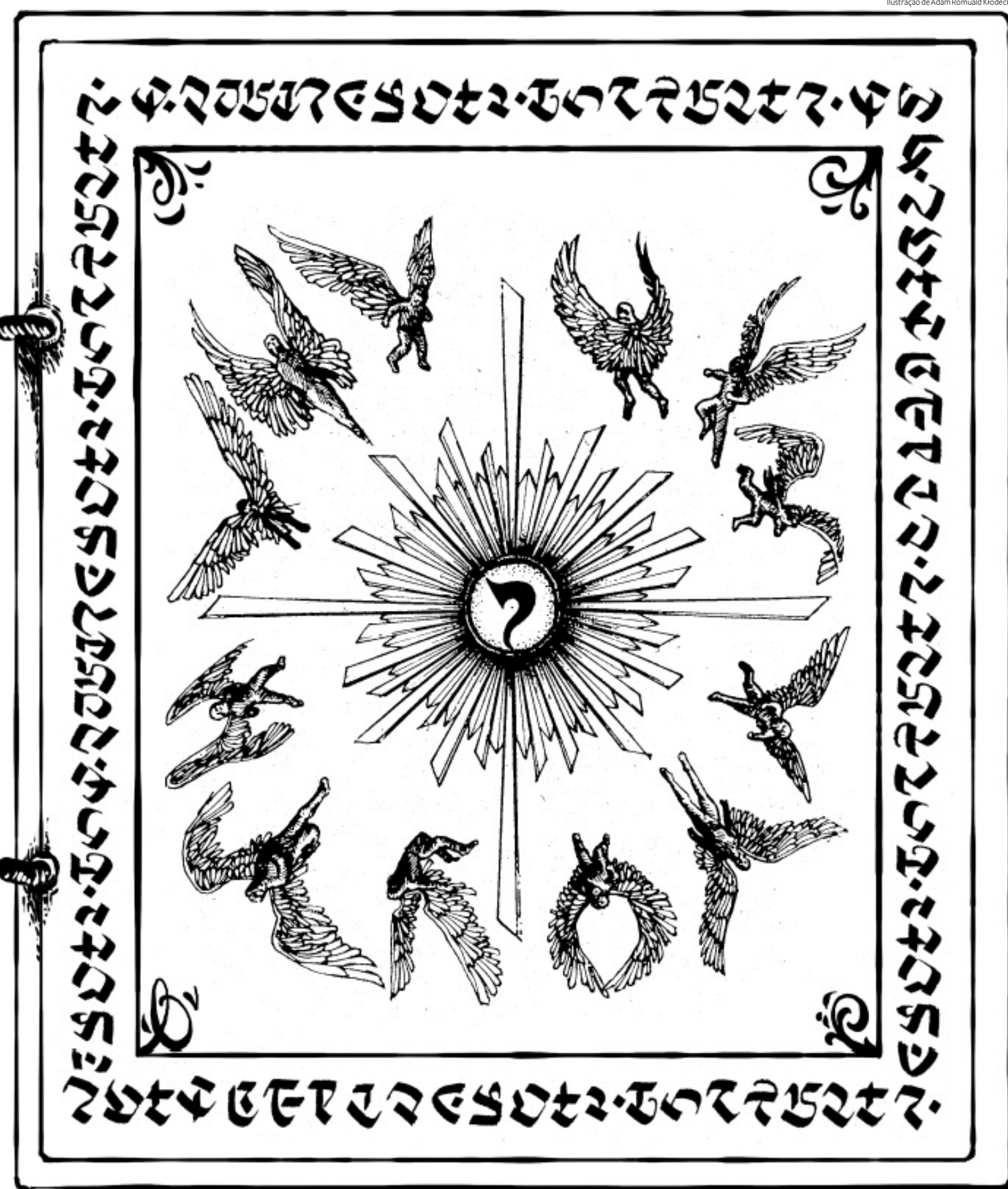
— E agora, Ma? — perguntou Ti.

— Agora precisamos lê-lo.

— Como assim? — perguntou a mais velha das meninas.

— Ler é entender o que cada um desses símbolos quer dizer, minha querida. Precisamos saber o que o livro tem a nos contar.

— Então, leia, Ma, leia — ansiavam os pequenos.



Como poderia? Ela sabia só um pouco de sua própria língua. E já fazia tanto tempo desde a última vez em que lera que praticamente não se lembrava. Porém, o maior problema era outro: os hieróglifos celestiais não eram exatamente um alfabeto. Quem decifraria aquela infinidade de figuras? Ma não podia ler. Não sabia.

A escuridão chegava e acenderam a fogueira para aquecer seus ânimos quebrados pela decepção e pelo frio da noite.

— E agora, Ma? — perguntou Ti.

— Agora precisamos lê-lo.

— Como assim? — perguntou a mais velha das meninas.

— Ler é entender o que cada um desses símbolos quer dizer, minha querida. Precisamos saber o que o livro tem a nos contar.

— Então, leia, Ma, leia — ansiavam os pequenos.

Como poderia? Ela sabia só um pouco de sua própria língua. E já fazia tanto tempo desde a última vez em que lera que praticamente não se lembrava. Porém, o maior problema era outro: os hieróglifos celestiais não eram exatamente um alfabeto. Quem decifraria aquela infinidade de figuras? Ma não podia ler. Não sabia.

A escuridão chegava e acenderam a fogueira para aquecer seus ânimos quebrados pela decepção e pelo frio da noite.

— E agora, Ma? — perguntou Ti.

— Agora precisamos lê-lo.

— Como assim? — perguntou a mais velha das meninas.

— Ler é entender o que cada um desses símbolos quer dizer, minha querida. Precisamos saber o que o livro tem a nos contar.

— Então, leia, Ma, leia — ansiavam os pequenos.

Como poderia? Ela sabia só um pouco de sua própria língua. E já fazia tanto tempo desde a última vez em que lera que praticamente não se lembrava. Porém, o maior problema era outro: os hieróglifos celestiais não eram exatamente um alfabeto. Quem decifraria aquela infinidade de figuras? Ma não podia ler. Não sabia.

A escuridão chegava e acenderam a fogueira para aquecer seus ânimos quebrados pela decepção e pelo frio da noite.

— E agora, Ma? — perguntou Ti.

— Agora precisamos lê-lo.

— Como assim? — perguntou a mais velha das meninas.

— Ler é entender o que cada um desses símbolos quer dizer, minha querida. Precisamos saber o que o livro tem a nos contar.

— Então, leia, Ma, leia — ansiavam os pequenos.

também. Estavam numa caverna a uns quatro metros de profundidade.

— Passem as crianças, vamos! — gritou o mais velho, enquanto o outro se recuperava da queda com as menores.

Ti foi escorregando as outras meninas uma a uma para dentro, até que chegou a vez de Ma.

— Vamos, Ma, rápido!

— Não, minha querida, não conseguiremos. Vá, pode ir.

Ti não discutiu. Abraçou-a e pularam juntas, deslizando pela parede íngreme, a tempo de sentirem o bafo quente dos lobos famintos roçar seus cabelos. Eles rosnaram e uivaram, mas não superaram o medo da altura.

— Vamos — disse o menino mais velho na frente.

Seguiram pela caverna e não escutavam mais o barulho dos lobos quando pararam numa enorme câmara subterrânea. Choraram a perda de Vu com grande tristeza. Ma tentou confortá-los junto com Ti, mas em vão. O mais velho, então, bateu com o cajado na parede da caverna com raiva e uma estalactite despregou-se e caiu, abrindo uma pequena fenda no teto. A luz do sol os confortou nas sombras e revelou uma pequena fonte num canto. Matararam a sede e descansaram.

A luminosidade já fraguejava quando todos acordaram. Continuaram o percurso até a saída da caverna. A pequena abertura dava para um grande vale. Mas a noite os obrigou a ficar no abrigo da caverna. Em volta do fogo, Ma contou seu sonho passado.

— Pude entender os símbolos, meus queridos.

Ti não pôde conter um sorriso, algo tão raro naquele rosto sofrido. Ma abriu o livro e começou a ler. Dizia que era o *Aggelvuk*, o *livro dos anjos* na língua deles e, entre tantas histórias, havia uma profecia.

— A profecia, Ma, a profecia! — gritavam eles. Ti se preocupava com os ruídos e os repreendeu. Podiam atrair os lobos. Todos então silenciaram para ouvir.

— O livro — retomou Ma — conta a história dos celestiais, de uma rebelião entre eles mesmos e do fim que os esperava. A rebelião aconteceria, mas o arcanjo Miguel subjugaria os revoltosos. Depois, estes seriam chamados *demônios* e ganhariam muito poder na Terra, tanto a ponto de desafiar os celestiais. E a única esperança para a Terra e os próprios celestiais seria um menino.

Todos se olharam, especialmente para os dois meninos que restaram. Eles próprios se entreolharam.

— Será que há mais alguém além de nós, então, Ma? — perguntou o mais velho.

— Será? — ecoou o outro.

— Não sei, meus queridos. Mas este menino da profecia não é nenhum de vocês. Ele era um menino quando eu ainda era jovem e o fim se deu sobre o mundo.

Um vozinho se ergueu e Ti interveio novamente.

— Psiu! Querem que os lobos nos encontrem? Querem? — Olhou para a anciã. — Continue, Ma.

— O livro diz que o menino se recusaria a dar seu sangue para salvar o mundo, mas o arcanjo não acreditaria e tentaria em desespero até o fim. Então, a horda de demônios cairia sobre os últimos celestiais e seria o fim de tudo.

— Ele mesmo causou a desgraça que estava prevista ao tentar de tudo para evitá-la — observou Ti.

— Sim — respondeu Ma —, e os demônios também não acreditaram que seriam aniquilados ao atacar os últimos celestiais. Destruíram-se uns aos outros e quase extinguíram a vida na Terra.

— E o menino? — indagou a caçula das meninas.

Ma continuou a folhear o livro, até que passou a última página.

— O menino, meus queridos, não seria morto na grande guerra. Ele procuraria distanciar-se de tudo, mas voltaria ao mesmo lugar onde exigiram o sacrifício dele.

— E onde é, Ma? — perguntou Ti.

— Não diz. Só diz que o sangue desse menino é a única coisa que pode devolver ao mundo a vida e a antiga magia. No sangue dele está toda a essência da Criação. Mas só se for dado espontaneamente.

— Por isso o arcanjo não conseguiu o poder que queria. O menino não quis dar o sangue — observou o mais velho dos meninos.

— Então, precisamos encontrá-lo! — exclamou Ti, com um entusiasmo incomum.

— Sim, Ti, mas não agora. Vamos passar a noite aqui. Amanhã continuamos nosso caminho.

Ti ficou com os dois meninos de guarda no terceiro turno. No meio da noite, avistaram uma pequena luz azulada ao longe. Parecia estar no meio do amplo vale.

— Vamos até lá ver, Ti — disse um dos meninos.

— Não. Não vou deixar acontecer com vocês o que aconteceu com Vu. Fiquem aqui. Eu vou lá. Se precisar, eu grito.

E ela se foi. Depois de muito caminhar, começou a tropeçar em estruturas que lhe alcançavam o joelho. Só quando se aproximou da luz já débil é que as identificou. Eram osadas, celestiais e demoníacas, muito maiores que qual-



— Não, não queria — disse ele olhando por sobre os ombros dela. Os outros cansaram de esperar e, preocupados, foram com Ma até ela e a luz.

— É o menino, Ma.

— Que bênção — sorriu a anciã. Ele atalhou.

— Não há bênção em nada, só desgraça.

— Você nasceu com um dom, meu querido, nasceu para salvar o mundo. Só assim terá paz.

Ele lembrou-se da súplica e do furor nos olhos do arcanjo tantos anos antes. Era a mesma situação. A mesma.

— O mundo não merece paz.

— Ajude-nos — suplicaram Ma e Ti aos olhos chorosos das crianças.

A chama azul tremulou mais uma vez. O menino escolhido lhes dirigiu um olhar triste e vazio.

— Não — disse ele, e pulou.

A luz revelou dentes atrás do grupo — os lobos ainda tinham fome — e se apagou. Junto com a última esperança do mundo.

— Eu sei. Mas agora é diferente.

— Nada é diferente.

— Ajude-nos, temos crianças conosco que precisam de ajuda.

— Como ajudaria?

— O livro diz que o seu sangue tem o poder de trazer a vida de volta ao mundo todo.

— E se fosse você? Se tivesse matado sua família, você ainda assim iria querer restaurar este mundo?

Daria seu sangue por ele?

— Não sei. Só sei que meu sangue não tem esse poder. Eu queria que tivesse.

Ele lembrou-se da súplica e do furor nos olhos do arcanjo tantos anos antes. Era a mesma situação. A chama azul tremulou. O menino escolhido lhes dirigiu um olhar triste e vazio. A luz revelou dentes atrás do grupo e se apagou. Junto com a última esperança do mundo.

— Não, não queria — disse ele olhando por sobre os ombros dela. Os outros cansaram de esperar e, preocupados, foram com Ma até ela e a luz.

— É o menino, Ma.

— Que bênção — sorriu a anciã. Ele atalhou.

— Não há bênção em nada, só desgraça.

— Você nasceu com um dom, meu querido, nasceu para salvar o mundo. Só assim terá paz.

Ele lembrou-se da súplica e do furor nos olhos do arcanjo tantos anos antes. Era a mesma situação. A mesma.

— O mundo não merece paz.

— Ajude-nos — suplicaram Ma e Ti aos olhos chorosos das crianças.

A chama azul tremulou mais uma vez. O menino escolhido lhes dirigiu um olhar triste e vazio.

— Não — disse ele, e pulou.

A luz revelou dentes atrás do grupo — os lobos ainda tinham fome — e se apagou. Junto com a última esperança do mundo.

— Eu sei. Mas agora é diferente.

— Nada é diferente.

— Ajude-nos, temos crianças conosco que precisam de ajuda.

— Como ajudaria?

— O livro diz que o seu sangue tem o poder de trazer a vida de volta ao mundo todo.

— E se fosse você? Se tivesse matado sua família, você ainda assim iria querer restaurar este mundo?

Daria seu sangue por ele?

— Não sei. Só sei que meu sangue não tem esse poder. Eu queria que tivesse.

Palavra

“Aliança feita do céu... É expedido um aparte. Estiagem... o céu e a terra secam. Prisão, destruição, morte, chegada em má hora. Pouco depois, um intervalo não muito longo, grande tempestade se erguerá, por terra e mar... Chamas, animais, causando mais tumulto.”

MICHEL DE NOSTRADAMUS
NASCIDO EM SAINT-RÉMY-DE-PROVENCE, FRANÇA, EM 1503, O MÉDICO QUE FICOU FAMOSO POR SUA SUPOSTA CAPACIDADE DE VIDIÊNCIA, COM A OBRA “AS PROFECIAS”, MORREU EM SAINT-RÉMY-DE-PROVENCE, FRANÇA, EM 1566.

Os Dois
O. A. Secatto

OSMARI
ESSA AÍ NÃO É A MORTE?!

NÃO, NÃO, NÃO PODE SER

POR QUÊ?

A MORTE É MAIOR QUE ISSO, DITO, SEMPRE MAIOR...

Poesia

Antônio Carlos Policer traz especialmente para o *Cultura!* seus poemas infantis

DIA DAS CRIANÇAS

ANTÔNIO CARLOS POLICER

A CIGARRA CICI

Cici, a cigarra,
toca guitarra
como ninguém.

Com seus acordes,
não há
quem não acorde.
Que talento ela tem!



GIRAFA

Engraçada é a girafa.
Sendo uma que se preze,
tem pescoço de garrafa
e altura que não se mede!



A GALINHA

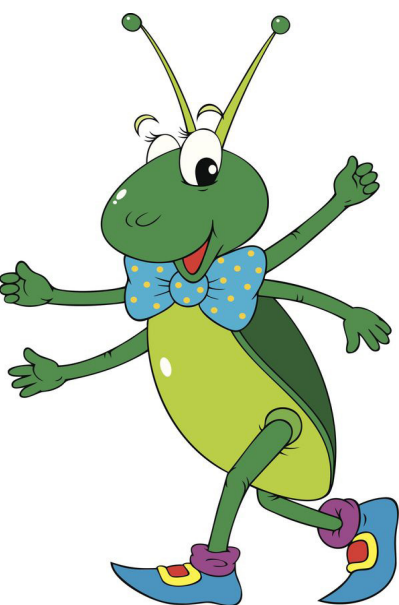
A galinha
é um bicho que manja.
Ou anda na linha
ou vira canja!



O GRILO MURILO

Murilo dizia
ser isso e aquilo,
menos grilo!

Um dia, grilado,
mandou seu recado:
“Cada um
que dê seus pulos!”



O PATO

O pato
calçou sapato
na pata.



A FOCA

A foca,
na toca,
faz fofoca.
Ela não se toca?

E ainda há quem diga:
“Que foca fofa!
Que fofo, foca!”



O BURRO

O burro
deu um zurro
e, assustado,
emburrou.

Empacado,
não sabia
qual o burro
que zurrou.



A COBRA

Cobra não tem perna
e anda.
Vi uma outro dia
dançando ciranda:
disse um verso
bem bonito,
disse adeus
e saiu de banda.



O ESQUILO

Um saltitante esquilo
(que não é grilo
e nem Murilo)
trouxe até nós
um monte de noz
e sua cabeça
encheu-se de nós.



O MACACO CACO

Caco, o macaco,
pegou um espelinho,
quebrou em mil partes
e fez mais caquinhos.



*
ANTÔNIO CARLOS POLICER É INTEGRANTE
DO QUARTETO POÉTICO E COAUTOR DOS LIVROS
“ALAR” E “PALAVRA É ARTE”